



Na foto, da esquerda para a direita: Jakalo, James Lynch, René Delmotte e Narro num raro momento de paz entre os índios e os integrantes da expedição

Funai exige doações para devolução de equipamentos roubados pelos índios

Para reaver seus pertences, expedicionários terão que entregar barcos e motores

João Carlos Leal

• CANARANA (MT) A aventura da Expedição Autan que voltou domingo passado de uma complicada jornada de 15 dias pela região do Xingu, em Mato Grosso, ainda não conseguiu chegar ao fim. Na última quinta-feira, num telefonema para James Lynch, o executivo paulista que coordenou a viagem, a presidência da Funai fez uma proposta no mínimo curiosa para encerrar um incidente dentro da reserva indígena que terminou com o seqüestro de 12 dos 17 membros da expedição — noticiado pelo GLOBO no dia 26 de junho. A Funai quer devolver os dois barcos, seus motores e vários equipamentos roubados pelos índios. Em troca, propôs que sejam doados aos mesmos índios, os mesmos barcos, seus motores e os equipamentos.

— Querem trocar o status da confusão: de seqüestro seguido de roubo e extorsão para doação — ironizou Lynch.

Formada para repetir os passos do coronel inglês Percy Fawcett, desaparecido em 1925 quando procurava uma cidade perdida em Mato Grosso, a expedição — composta por 16 executivos e empresários paulistas e cariocas e acompanhada por um repórter do GLOBO — viveu a três anos, seis meses e 15 dias do ano 2000, uma situação extempo-

rânea. Menos de uma semana depois de iniciar a aventura, os expedicionários foram seqüestrados, assaltados e mantidos em cativeiro por dois dias no meio da selva por um grupo de índios fortemente armados.

Além disso, os expedicionários ficaram sob a permanente ameaça dos indígenas de despi-los, pintá-los e surrá-los com bordunas. Isso, a despeito de a expedição ter tido a sua entrada no parque autorizada pelo próprio diretor do parque, o cacique e funcionário da Funai Ianakula Rodarte, e confirmada por todos os líderes indígenas do Alto Xingu.

Caciques organizaram tribunal em plena selva do Xingu

Domingo, 16 de junho. No posto Leonardo Villas Boas, na reserva do Xingu, o otimismo dos integrantes da expedição tinha desaparecido. De pé, o cacique Takanman, da nação Kamaiurá — uma das 15 da região — destilava ameaças em sua língua. Embora fale português, fazia questão de usar um intérprete para listar o que faria com os aventureiros:

— Vamos ficar com tudo. Temos 40 guerreiros vigiando os carros que estão fora da reserva. Enquanto não ganharmos uma caminhonete F-4000 ninguém sai.

Olhando para o chão para evitar qualquer provocação, 12 dos 17 viajantes estavam arrasados.

Seqüestrados um dia antes, quando visitavam uma amistosa aldeia da nação Kuikuro — e obrigados a se deslocar para o posto Leonardo, duas horas de barco descendo o Xingu — ninguém acreditava no que acontecia.

— Foi uma armadilha. Takanman, Ianakula e o chefe do posto Leonardo, o Ararapan, fazem parte de uma verdadeira quadrilha — acusou Lynch.

A autorização emitida pela Funai garantia o acesso ao parque dos membros da expedição, desde que acompanhados do cacique Jakalo e de seu pai, Narro. A visita deveria ficar restrita à aldeia dos kuikuros — o que foi cumprido rigorosamente. Os caciques kalapalos e kamaiurás alegaram, porém, que a expedição tinha entrado no parque com mais gente do que o combinado, embora a autorização não fizesse qualquer restrição numérica.

O julgamento foi longo. Das 10h às 18h, os expedicionários se revezaram na frente dos caciques negociando a libertação. O acerto garantia a saída de todos, mas exigia a volta de avião. Os barcos ficariam como indenização. Também continuariam retidos três dos seis carros da expedição estacionados numa fazenda vizinha à reserva. Esses só seriam liberados — intactos, asseguravam os caciques — depois que a caminhonete exigida fosse entregue.

Já em Canarana — uma cidade próxima da reserva — e preocupados com a possibilidade dos índios incendiarem os carros, os chefes da expedição decidiram apelar para a polícia.

PM ajudou na recuperação dos carros roubados pelos índios

Aproveitando a noite escura, sem lua, quatro PMs e integrantes da expedição voltaram à fazenda. Por sorte os índios estavam na reserva cuidando do veículo roubado. Foi preciso apenas encher os pneus e instalar as baterias para tirar os carros de lá.

Mas os tropeços em que os índios do Xingu envolvem a Funai não se limitam aos desdobramentos da confusa política de visitas à reserva. As compras feitas pelos índios com a autorização da direção do parque também são alarmantes: o comércio de Canarana registra uma dívida de mais de R\$ 120 mil, desde fevereiro.

Enquanto os supermercados da cidade têm créditos com a Funai de R\$ 9 mil em alimentos, apenas uma loja vendeu para os índios R\$ 54 mil em armas e munições. Segundo a assessoria da Funai, a culpa é da direção anterior da fundação que permitiu que "índios despreparados" ocupassem cargos importantes. ■

JOÃO CARLOS LEAL viajou a convite da Expedição Autan